

Laura Gutman

O poder do discurso materno

**Introdução à metodologia
da biografia humana**



EDITORA
ÁGORA

Do original em língua espanhola
EL PODER DEL DISCURSO MATERNO
Introducción a la metodología de la biografía humana
Copyright © 2011, 2023 by Laura Gutman
Direitos desta tradução reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Coordenação editorial: **Janaína Marcoantonio**
Edição: **Mariana Marcoantonio**
Tradução: **Débora Isidoro (prólogo à nova edição) e**
Lizandra Magon de Almeida
Revisão da tradução: **Débora Isidoro e Pablo Moronta**
Revisão: **César Carvalho**
Capa: **Renata Buono**
Imagem da capa: **Markovka/Shutterstock**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

6ª edição revista e ampliada, 2023

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@agora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

<i>Prólogo para esta nova edição</i>	9
INTRODUÇÃO Algumas explicações pertinentes.	13
Do fato materno ao acompanhamento das biografias humanas	13
A escola da biografia humana	20
Laboratório de pensamento e práticas	25
Minha equipe.	27
Encontraremos soluções?	28
CAPÍTULO I Alguém nomeia o que acontece	31
A consciência se lembra do que é nomeado	31
A constituição do personagem	35
Eu me sinto amado ou amam o meu personagem?	42
Quanto maior o desamparo emocional, mais refúgio no personagem que confere identidade	46
CAPÍTULO 2 O discurso materno	51
Detectar o discurso materno	51
Por que é importante descobrir pela boca de quem o indivíduo fala?	60
Como conseguir não impor um discurso iludido a nossos filhos	63
CAPÍTULO 3 O discurso do “eu iludido”	69
Quando nosso discurso se apropria da voz oficial	69
Reforçar o personagem que nos deu amparo	89

O fascínio gerado pelos personagens	93
CAPÍTULO 4 Histórias comuns	97
Miranda: a invisibilidade como refúgio	98
Ricardo: um franguinho molhado e furioso.	109
CAPÍTULO 5 Os estragos da repressão sexual	117
Patriarcado e repressão sexual	117
Os partos em cativo	119
A abordagem da repressão sexual em cada biografia humana	123
Daniela: mentiras e sexo	125
CAPÍTULO 6 Fora da trilha	143
A repressão das pulsões básicas	143
Tudo que pensamos dentro da trilha	148
Amparo: a distância entre o correto e a verdade interior	151
CAPÍTULO 7 O abuso sexual como sistema vincular	165
Reflexões gerais sobre o abuso sexual	165
Isabela, na busca do seu feminino interior	174
CAPÍTULO 8 As palavras que curam	191
O que o discurso materno não diz	191
As biografias humanas realizadas pela internet	193
Joan e sua falta de palavras	193
A função das palavras que descrevem realidades internas	199
Ana e sua filha adolescente	202
CAPÍTULO 9 A busca de si mesmo	213
Cada biografia humana é um universo em si mesmo	213
A busca de si mesmo.	215

Prólogo para esta nova edição

DESDE QUE *O PODER DO DISCURSO MATERNO* foi publicado pela primeira vez, a confirmação constante sobre o lugar ocupado por nossas opiniões e interpretações tem crescido. Existe alguma coisa que consideramos indiscutível? Sim. Mamãe foi boníssima e sacrificada. É verdade? Para a vivência subjetiva de mamãe, não há dúvidas. O problema é que, enquanto isso, **nós éramos crianças**. E quando crianças, precisávamos de uma presença amorosa e agregadora, uma proteção emocional e uma suavidade materna que nos acobertassem num prazer físico sensorial protetor.

Isso **não aconteceu**. As vivências internas da criança que fomos foram subordinadas ao medo, ao distanciamento afetivo, à obediência, à solidão ou à violência em qualquer de suas formas. No entanto, não nos lembramos do que aconteceu conosco, portanto, também não podemos invocar esses acontecimentos. Por outro lado, recordamos a realidade como **foi nomeada por nossa mãe**, com riqueza de detalhes. Lembramos seus sofrimentos, sacrifícios e dificuldades, inclusive como mamãe nos descrevia. Talvez valorizasse nossa inteligência, maturidade ou capacidade de adaptação, ou, pelo contrário, detestava nossa desobediência ou as demandas infantis. De qualquer maneira, nossas **lembranças se organizaram** com base nas **palavras ditas por nossa mãe**, ou pela mulher que nos criou.

Neste livro, descrevo essas evidências. À medida que os anos foram passando, comprovei que o maior obstáculo — para

progredir na leitura deste texto — está na **lealdade emocional** que temos por nossas mães. Como comprovar? Focando na completa implantação da **biografia humana** de cada indivíduo.

Se organizamos nosso entendimento com base no que a mãe disse, é muito provável que todo nosso **sistema de crenças** esteja vinculado a isso. Na verdade, não gostamos que ninguém questione a figura da mamãe. Achamos que é falta de respeito e, principalmente, uma **traição** de tudo que mamãe fez por nós. É verdade que ela fez muito? Do ponto de vista da mamãe, sim. Ela fez o máximo que pôde, não há dúvidas. Repito que, quando não toleramos que alguém questione nossa mãe com relação à sua função maternante, é porque a **lealdade** funciona plenamente. Reagimos a uma promessa inconsciente que fizemos em tempos distantes movidos pelo medo do abandono, que era a ameaça recorrente. O acordo original foi: “Se ficar comigo, não vai acontecer nenhum mal com você”. Esta afirmação esconde a próxima: “Se me abandonar ou buscar sua liberdade, não vou te proteger, e você vai estar em perigo”.

Quando éramos crianças, não tínhamos opção. É claro que precisávamos da proteção da mamãe, mas isso deveria ter acontecido **sem condições**. As crianças não têm que retribuir favor nenhum por terem sido criadas. Existe aqui um despropósito transgeracional: nossas mães — infantis e carentes em consequência da infância que tiveram — exigiram de nós alianças através de nossa inquebrantável **lealdade**.

Nessas circunstâncias, qualquer sentimento autônomo que pudesse surgir dentro de nós, qualquer desejo, anseio ou curiosidade seria considerado **traição**.

Aqui está parte dos obstáculos que agem — sem percebermos — e nos mantêm prisioneiros, transformando-nos em defensores da rígida coleção de pensamentos que poderiam ser questionáveis. No entanto, nada é bom ou mau, correto ou

incorreto. Não se trata de julgar ninguém, nem de pensar que as coisas deveriam ser de um jeito ou de outro. Vai além, não existe uma maneira boa de ser, fazer ou pensar. De fato, com minhas pesquisas e meus escritos, só ofereço caminhos possíveis de acesso à nossa **realidade real**. A realidade do que aconteceu conosco, a realidade do que fizemos com isso que aconteceu, e o que somos capazes de entender hoje com isso que fizemos como consequência do que nos aconteceu. Depois, decidiremos pensar ou fazer o que quisermos.

Para conseguir algo tão ambicioso (abordar a realidade real, sem interpretações), temos que determinar **a distância entre o que nossa mãe nomeou e o que — subjetivamente — experimentamos**.

Por exemplo, todos os adultos têm certeza de que as crianças não merecem receber aquilo que pedem. O que elas pedem? Atenção, como é necessária à nossa natureza humana original. Porém mamãe — e a civilização como um todo — acham que devemos ser bons meninos e ficarmos quietos. Mas acontece que as crianças se mexem, foram feitas para se mexer.

Outro exemplo: mamãe — como todos à sua volta — acredita que precisamos de limites. Mas acontece que precisamos de uma enorme corrente de permanência, presença, vínculo emocional, contato físico, abrigo e carinho materno, de acordo com nossa natureza de cria mamífera humana. Precisamos disso como do ar que respiramos a partir do momento em que nascemos. Mas é tão raro encontrar em nossa civilização um cenário alinhado com nossa natureza humana, que acabamos supondo que não é importante. E esta é a verdadeira **distância entre o discurso e a realidade**. Aí está o nó, a origem, o início do **desastre ecológico** em que estamos todos mergulhados.

Quero dizer que, de um lado, temos a natureza original da nossa espécie — que é a mesma ao longo de toda a história

da humanidade, em todos os cantos do planeta — e do outro, temos a civilização que decide fazer as coisas de outro jeito. Para que determinada civilização alcance os resultados de que necessita, ela vai interpretar a realidade de maneira a favorecer a realização de seus objetivos.

Escrevo tudo isso para dizer que **sair da trilha** não é fácil, nem pensar com autonomia. Observar de fora do campo é um ato de coragem incomum. Principalmente se sentimos que não deveríamos fazer isso, porque estaríamos traindo a mamãe, coisa pela qual ela nunca nos perdoaria.

As consequências de continuar olhando a realidade através de lentes coloridas e gastas ao longo de muitas gerações também são descritas neste livro. E como em cada um de meus textos, só pretendo oferecer aos leitores uma visão ampliada, lógica, amorosa, compreensiva e talvez um pouco incômoda, mas sempre com a firme intenção de nos aproximarmos da verdade. A verdade sobre quem somos e os recursos que temos ainda por desenvolver, em favor da humanidade.

Algumas explicações pertinentes

DO FATO MATERNO AO ACOMPANHAMENTO DAS BIOGRAFIAS HUMANAS

Quando dou palestras e seminários, há pessoas que estão mais interessadas em mim do que em ouvir o que tenho a dizer. Querem receber um sorriso, um abraço, um olhar. Na verdade, quando essas pessoas se inscrevem, pagando às vezes um bom dinheiro, perguntam se vão poder se aproximar para falar comigo a sós. Aguardam esse momento como uma criança espera olhar o Papai Noel de perto. É frequente projetarmos poderes mágicos sobre os outros. Também é comum que alguns nos disfarçemos de magos, um pouco para agradar e outro pouco porque acabamos acreditando que somos isso mesmo. Na verdade, cada um de nós é mago apenas em relação a si mesmo. A questão é que preferimos depositar no exterior coisas que cabem a nós assumir.

Se eu jogasse esse jogo, ficaria pendente muito do que realmente quero difundir, que é o que vou tentar descrever neste livro. De fato, escolho a escrita para transmitir os minuciosos processos individuais que acontecem ao utilizar o sistema da **biografia humana**. Esta abordagem é a que ensino em minha escola — hoje em dia completamente virtual e com aprendizes de todas as partes do mundo. Ensino e preparo alguns profissionais extraordinários que trabalham com uma lucidez impecável, apoiando os processos individuais de centenas e

centenas de homens e mulheres que procuram nossa instituição em busca de assistência. É assim que, com o passar dos anos, vou transcrevendo experiências reais para a linguagem escrita. Meu objetivo é apresentar essas evidências aos leitores do modo mais simples possível.

Acredito que o grande obstáculo que nós, seres humanos, temos na atualidade — e é a chave para compreender globalmente a conduta humana — é a submissão infantil na qual permanecemos, em consequência do **poder do discurso materno**. Palavras ditas, repetidas várias vezes a partir de determinada lente — a de nossa mãe — que, em nosso caráter de crianças pequenas, adotamos como a única lente possível a partir da qual viver a vida. O modo como então perpetuamos esse olhar, carregando uma longa herança de ordens, preconceitos, medos, moral, conceitos filosóficos, religiões e segredos, nos deixa devastados. Sem saber quem somos. **Perguntando a torto e a direito o que é bom e o que é ruim.**

O trabalho retrospectivo que cada indivíduo — estimulado por uma dificuldade vital — tem a oportunidade de empreender merece um percurso longo e penoso. É tão árduo e tão diferente em cada caso que considero injusto generalizar. A diversidade de experiências, processos pessoais, aberturas, perguntas e confrontações com o próprio material sombrio é muitíssimo mais rica do que a linearidade de uma teoria que pretenda reunir tais vivências. Por isso talvez seja pertinente que eu explique aos meus leitores como fui chegando, depois de quase 40 anos de trabalho, às reflexões que organizei neste livro, e para isso quero compartilhar algo de minha história profissional.

Talvez vocês saibam que eu comecei esse trabalho de investigação sobre a conduta humana com base nas problemáticas atualizadas desse momento tão invisível e pouco valorizado socialmente que é o **fato materno**. Era tal a limitação das mães

jovens, e eu tinha mesmo tanta empatia com elas (sempre tive, inclusive antes de ser mãe), que me parecia natural, totalmente simples e espontâneo, ajudar, apoiar, conter e traduzir todas as sensações ambivalentes que inundavam as mães com bebês ou crianças de colo. Assim começou o meu trabalho.

Ainda na época em que morava em Paris, com meus dois primeiros filhos já nascidos, era testemunha da distância emocional de que padeciam muitos franceses (mais do que nós, latino-americanos), bem como dos maus-tratos nos partos, da difícil tarefa de amamentar, quando a amamentação ainda não estava na moda e poucos pediatras a toleravam. Nesse momento — em meio aos meus ideais de juventude, ao exílio, à descoberta do feminismo, ao pós-Maio de 1968, à macrobiótica e às correntes orientais progressistas que chegavam com suas lufadas de pensamentos livres —, eu erguia todas as bandeiras sempre que houvesse uma boa causa a defender. Quem poderia ser contra? Incentivar as mães a amamentar só podia ser algo positivo. Era isso que eu pensava, amparada por minha juventude.

Voltei a Buenos Aires e continuei o trabalho de “apoiar as mães”. Claro, apoiar sempre é algo bom. E enquanto nós, mulheres, atravessávamos com maior ou menor desespero os períodos puerperais, sentindo-nos estranhas, loucas ou desequilibradas, uma palavra de apoio era bem-vinda. Os anos foram passando e, ao trabalhar com as mulheres, e aos poucos também com os homens — sentindo igualmente empatia, compaixão, carinho e todas essas coisas que nos aproximam dos seres humanos quando abrimos o coração —, comecei a me dar conta de que, na verdade, havia outros obstáculos muito mais profundos, internos e escondidos, que não tinham muito que ver com a dificuldade de ser mãe na sociedade atual, mas com a maneira como hoje cada um de nós examina a vida e a vive.

Timidamente, fui organizando um sistema de indagação, tomando por base, no começo, as lembranças da infância. Até que logo me dei conta de que as lembranças não eram assim, e de pouco serviam para chegar à verdade pessoal. As lembranças eram quase sempre **distorcidas**. Deturpadas. Fui constatando que abordar as lembranças era uma tarefa muito difícil, assim como tentar limpar um quarto desorganizado e abandonado durante anos, cheio de panos sujos e sem utensílios para começar a arrumação. A vida das pessoas se apresentava da mesma forma: com urgência, para que, em um passe de mágica, esses quartos se tornassem um luxo para donzelas, mas sem indicações confiáveis para descartar o que não servia e deixar o que pudesse ser útil.

Algo também me chamava a atenção: as urgências. Quanto maior a disponibilidade da minha parte, mais urgências apareciam. Rapidamente, aprendi algo que logo confirmei: **as urgências só pertencem ao âmbito dos plantões de hospitais e bombeiros**. Tudo o mais, foram necessários 30, 40 ou 50 anos para organizar, portanto precisaremos de período semelhante para desmontar. Não podemos resolver tudo “isso” com urgência, mas com **tempo**.

Nessa época, também me chamava a atenção que as pessoas que tinham mais urgência eram as que menos estavam dispostas a observar honestamente seu ser interior e as que mais clamavam por soluções mágicas. Aprendi, pouco a pouco, que os tempos eram muito pessoais e as supostas soluções também. Portanto, não valia a pena se desesperar.

Vários anos depois, comecei a publicar livros. O de mais sucesso foi e continua sendo *A maternidade e o encontro com a própria sombra*, porque é um texto com o qual as mulheres se identificam. Elas leem e afirmam: “Isso acontece comigo, é igualzinho”. Então, logo depois de ler e sentindo-se “compreendidas

por alguém”, projetam na autora um suposto saber, acreditando que contarão com uma solução exata para resolver qualquer outro problema que possam ter. A reflexão mais frequente é a seguinte: “Se alguém sente ou pensa como eu, as conclusões a que chegar serão perfeitas para mim”. E apesar de ser um livro que traz alívio para muitas mulheres com crianças pequenas, encarado por muitas como uma “salvação” (simplesmente porque nomeia os estados alterados de consciência nos quais entramos após o puerpério, o que não é pouca coisa, eu sei), somos tentadas por um mecanismo conhecido: queremos nos sentir bem com a opinião alheia. E, se conseguimos obtê-la, já não estamos interessados em ser responsáveis por nossas decisões.

Contudo, mesmo que seja prazeroso encontrar pessoas que pensem como nós, **isso não serve para nada**. Simplesmente nos sentimos um pouco mais adequados. Mas nada além. Em meu modo de ver, o trabalho profundamente revelador é aquele voltado para **integrar nossa sombra**. Todos os mecanismos, sistemas, filosofias, linguagens ou metodologias que acompanham os processos de encontro com a própria sombra são os que serão úteis para compreendermos nossas escolhas e a responsabilidade que implicam, sejam elas conscientes ou não. Somos nós, e apenas nós, que construímos nossa vida. Nada alheio a nós pode nos acontecer. E, se algo que construímos nos traz sofrimento, então cabe a nós compreender como foi organizado, se pretendemos desmontar isso com o que contribuímos para fazer funcionar. Espero que fique claro que **não há conselho que sirva**. Nenhum conselho serve para absolutamente nada.

Apesar dos pedidos constantes para que eu assumo o papel de mago que traz alívio às mães, não o fiz, pois é algo em que desacredito totalmente. Bem ao contrário, ao longo dos anos fui afinando uma **metodologia para abordar a realidade emocional de cada indivíduo**, despojando-nos de tudo que opinamos

sobre nós mesmos. Tarefa muito difícil. Porque todos temos opiniões sobre tudo, e mais ainda sobre nós mesmos.

É importante deixar bem claro que os profissionais (a quem chamo de *beagadores*, porque chamamos a biografia humana carinhosamente de **BH**) que acompanham esses processos funcionam como **detetives**: organizam a informação, a colocam sobre a mesa, descartam tudo que não encaixa, descobrem as peças que faltam, voltam a organizá-las, olham de todos os ângulos e inclusive dão *zoom*: aproximam e afastam, aproximam e afastam. Revisam as lealdades e o alinhamento ao discurso materno, comparando-o com as prováveis vivências infantis. É claro, toda essa informação reunida e organizada precisará ser cotejada conosco — os consultantes — porque, afinal, trata-se da nossa vida. Damos especial importância ao que eu denomino “cenário de infância”.

Nesse sentido, o *beagador* não é alguém que necessariamente sabe muito. Nem é a pessoa a quem se pergunta o que devemos fazer sobre cada coisa que nos acontece. É apenas alguém treinado nesta **metodologia** de indagação, que vai nos ajudar a organizar as lembranças, os sentimentos, o que foi **nomeado** durante nossa infância, o que foi **calado** ou **silenciado**. É alguém que vai nos acompanhar para observar as cenas completas de nossa vida. Mas cada um é que vai constatar se as peças encaixam ou não com sua vivência interior.

Minha intenção neste livro é explicar como estamos acompanhando os processos de **organização da biografia humana**, como detectamos os cenários de infância e os personagens que nos dão amparo, para então interpretar as cenas da vida cotidiana. Quem nomeia quais coisas, como organizamos nossas crenças, nossas cegueiras ou nossas deficiências. E como compreender mais e melhor nossas escolhas cotidianas.

A **biografia humana** está viva. Junto com minha equipe de *beagadores*, cada história de vida de cada consultante é um